

## AFETOS COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE DA TURMA: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL

Amanda Marina Andrade Medeiros  
amandamedeiros@unb.br

Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasil

Tema: I.9 – Perfil afetivo de estudantes e de professores

Modalidade: CB

Nível educativo: Primário (06 a 11 anos)

Palavras-chave: Educação matemática, afetividade, controle de turma, silêncio.

### Resumo

*Os estudos na área de educação matemática têm mostrado que a afetividade é um fator de extrema relevância dentro do ensino-aprendizagem de matemática. A sala de aula é um espaço onde alunos e professores manifestam afetos. Tais afetos podem ser utilizados tanto por professores como por alunos na relação que estes estabelecem com um outro sujeito, ou com o objeto de conhecimento. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como professores utilizam os afetos dos alunos em um contexto matemático como instrumento de controle da turma nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa foi de cunho qualitativo com a imersão da pesquisadora em uma sala de aula para analisar o fenômeno proposto. A pesquisa mostrou que o controle da turma surge quando o professor utiliza o que conhece sobre os afetos dos alunos como forma de controlar a turma, de manter seu poder diante dela. Na pesquisa foram observados três tipos de controle: ameaça, punição e silêncio. Observou-se, também, que tal controle está relacionado à concepção da aula de matemática como um espaço de silêncio e concentração, o que intensifica algumas ameaças e punições para a obtenção desse suposto ideal.*

### Introdução

Diversas pesquisas na área de educação matemática (Gómez Chacón, 2003; Morais, 2007) têm mostrado que a sala de aula de matemática é um espaço de silêncio por parte dos alunos que têm o papel de apenas reproduzir o conhecimento pronunciado pelo professor. Os professores se mostram como os detentores do conhecimento e, para pronunciar esse conhecimento, exigem silêncio e imobilidade em sua sala de aula, imobilidade essa que não é apenas física, mas também do pensamento autônomo, crítico e criativo.

Atualmente a educação matemática tem tentado desmistificar tais características em relação à aula de matemática, porém muitos professores ainda se apoiam em velhas práticas que estimulam a heteronomia e o medo em relação ao conhecimento matemático.

Nesse contexto, é pertinente salientar a importância da afetividade no ensino-aprendizagem de matemática. A sala de aula é um espaço onde alunos e professores manifestam afetos. Tais afetos podem ser utilizados tanto por professores quanto por alunos na relação que estes estabelecem com um outro sujeito, ou com o objeto de conhecimento.

Durante muito tempo no contexto educacional prevaleceu uma visão cartesiana em relação ao sujeito. Tal visão separava o sujeito cognitivo do sujeito afetivo. Nessa visão, onde destacava-se o conhecimento científico para o progresso da sociedade, dava-se maior importância aos componentes ligados à razão do que para aqueles que estavam relacionados à emoção.

Hoje sabe-se da relevância dos afetos no ensino-aprendizagem de matemática. Os professores começam a observar tais afetos e utilizar tais informações na organização do trabalho pedagógico. Observar os afetos dos alunos pode ser uma forma do professor coletar informações dos seus alunos para direcionar seu trabalho em sala de aula. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como professores utilizam os afetos dos alunos em um contexto matemático como instrumento de controle da turma nos anos iniciais do ensino fundamental.

### **Referencial teórico**

A escola que temos hoje em nossa sociedade é um aparelho ideológico do Estado, que tem a intenção de manter a ordem para que haja progresso. Assim a escola desempenha um papel não apenas de silenciador da sociedade, no caso dos alunos, mas também de dominação da classe dominante em relação às classes menos favorecidas socioeconomicamente .

Quem exerce o papel do Estado em nossa sala de aula é o professor, que, segundo Freire (1987), é o opressor. Para Freire (1987), a relação que professores e alunos estabelecem em sala de aula é a de opressor e oprimido. Uma relação estabelecida pelo Estado.

Nessa relação, formada em sala de aula, entre opressor e oprimido, vários afetos são manifestados, tanto pelos alunos quanto pelo professor.

Freire (1987) acredita que a sala de aula é um espaço de diálogo, onde educador e educando aprendem nessa relação dialógica e dialética, por isso é direito do aluno ter a palavra. Nesse sentido, Freire (1981) destaca que “dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias” (p. 40).

Assim, não é privilégio apenas do professor pronunciar a palavra, mas direito de todos que participam do processo de aprendizagem.

Mas o que é o silêncio? Para Moraes (2007)

o silêncio em sala de aula é (...) um mecanismo onde se rompe com o barulho, com os seres falantes. Mas sendo imposto acaba-se silenciando não só o barulho, mas o espírito, o corpo e a mente objetivando sustentar uma ordem harmônica nas interações e fazer audível e compreensível o que aquele que silencia propõe-se a dizer. Ao silêncio imposto é o que nós denominamos e concebemos por silenciamento do sujeito (p. 34).

O professor muitas vezes silencia os alunos para que sua palavra possa ser pronunciada. Porém, ele muitas vezes os ameaça para conseguir o controle da turma e esse silêncio, um silêncio não apenas oral, mas também do espírito e da mente. Essa forma de silenciar o aluno tira-lhes a oportunidade de dizerem o que pensam e o que desejam.

Para que os dominados saiam deste estado de dominação eles precisam pensar, criar, mas a “cultura do silêncio” (Freire, 1981) não permite isso. Pois o silêncio que o professor impõe também silencia a criação e a ação de pensar.

### **Metodologia de investigação**

Para analisar como os professores utilizam os afetos dos alunos em um contexto matemático como instrumento de controle da turma nos anos iniciais do ensino fundamental foi necessária uma pesquisa que interpretasse a realidade e o contexto onde ocorre esse fenômeno, assim como uma profunda análise deste. Para compreender os significados existentes no fenômeno e no objeto de pesquisa, utilizou-se a Epistemologia Qualitativa no presente estudo, pois esta está de acordo com as características do objeto de pesquisa.

O fenômeno pesquisado encontrava-se em uma escola. Foi assim necessária a imersão da pesquisadora no contexto escolar, mais especificamente em uma sala de aula. A pesquisa realizou-se em uma turma de quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública de Brasília, Brasil.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a observação, registrada em caderno de campo, onde foram descritas as atividades ocorridas em aula, algumas falas da professora e a descrição de manifestação de afetos pelos alunos em situação de aprendizagem matemática ou na realização de atividades matemáticas. Foram observadas vinte e uma aulas. A professora Bruna (todos os nomes aqui mencionados são fictícios) era a professora oficial do quarto ano matutino, turma pesquisada, porém

foram observadas outras professoras que entravam eventualmente para dar aula durante os dias em que a professora Bruna estava de licença médica.

Os dados construídos com o caderno de campo foram tabulados e analisados conforme discussão que se segue.

### **Análise e discussão dos dados**

O controle da turma surge quando a professora utiliza o que ela conhece sobre os afetos dos alunos como forma de controlar a turma, de manter seu poder diante dela. Na pesquisa foram observados três tipos de controle: ameaça, punição e silêncio.

A **ameaça** aparece no estudo relacionada principalmente às atitudes da professora, que utiliza os afetos dos alunos como forma de manter a ordem na sala de aula. A **punição** ocorre quando a criança é castigada devido a um comportamento que não agradou a professora. A professora tira algo que as crianças gostam, por exemplo, o recreio, para conseguir a ordem ou o silêncio que se espera na sala. O **silêncio** aparece quando a professora pede para que as crianças não façam barulho, para que ela possa continuar a atividade proposta, quando os alunos se silenciam porque a professora os ameaçou ou puniu por algum motivo. O silêncio também pode ser no sentido corporal, com a inatividade física, por exemplo.

Atualmente o professor, dentro da educação, tem um papel distinto de décadas atrás. Se há um século o professor era o detentor do conhecimento que deveria ser transmitido para o aluno, hoje ele tem um novo papel: “cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social, que é o único fator educativo” (VIGOTSKI, 2004, p. 448). Porém, a relação opressor-oprimido ainda revela-se no contexto investigado, demonstrado principalmente pelo controle que o professor detém sobre a turma. A sala de aula investigada ainda não trabalha a educação como prática da liberdade. Também não trabalha a autonomia do aluno, ainda existe a relação opressor e oprimido.

Na sala de aula pesquisada encontramos vários momentos em que a professora **ameaça** os alunos para manter o controle da turma. Como podemos observar nos trechos a seguir: “*Os alunos começam a conversar durante a explanação da professora e ela os ameaça dizendo que se eles não ficassem quietos ela não iria mais utilizar a caixinha matemática (Material pedagógico para o ensino de matemática que contem diversos materiais didáticos que facilitam a aprendizagem matemática, como: palitos, material dourado, material de contagem, calculadora, dinheirinho, dado, ábaco, fita métrica,*

*tapetinho - quadro valor de lugar)*” (*Caderno de Campo*). Aqui a professora queria que os alunos ficassem quietos para que ela pudesse passar seu conhecimento para eles, pois quando eles estão conversando não podem escutar aquilo que ela pretende transmitir. Mas que relação existe entre essa ameaça e os afetos dos alunos? Bruna sabe que eles gostam de trabalhar com a caixinha matemática, sabe que se ameaçar tirá-la ficarão em silêncio, pois desejam a caixinha matemática, que lhes dá prazer. Sabendo disso, dos afetos que as crianças têm em relação à caixinha matemática, ela os ameaça para conseguir o que deseja, o silêncio.

O trecho a seguir destaca outro exemplo de ameaça:

*A professora pediu para que pegassem os cadernos. Viu que alguns cadernos estavam sem margem e falou que quem não tivesse margem no caderno ficaria no recreio fazendo as margens. Anotou no quadro quem ficaria no recreio fazendo as margens do caderno. Os alunos que ela anotou ficaram no recreio fazendo as margens (Caderno de Campo).*

Assim que a professora ameaça tirar uma coisa que eles gostam, o recreio, se revela a **punição**, pois aqueles que não fizeram as margens ficaram na sala no horário do recreio para fazê-las. Temos a seguir outro exemplo na fala da professora Bruna: “*Uma coisa são aqueles alunos que demoram um pouquinho a mais para copiar, outra coisa são aquelas pessoas que ficam brincando em vez de copiar. Estas vão ficar na hora do recreio*” (*Caderno de Campo*).

Nos dois trechos pode-se perceber que a professora Bruna ameaça os alunos, dizendo que vai tirar-lhes uma coisa que gostam muito para conseguir silêncio da turma.

Quando a professora os ameaça dizendo que vai tirar o recreio se eles não pararem de brincar, ou se eles não fizerem o que ela pede, eles ficam em prontidão para obedecê-la, pois não querem se ver sem o objeto de prazer deles, o recreio.

Portanto, o professor exerce o papel de dominador na sala de aula. Ele sabe que tem o poder de oprimir e controlar a turma. O ato opressor é carregado de afetos negativos, como destaca Freire (1987):

A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida. A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência em que transforma por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-la mais e mais humano (FREIRE, 1987, p. 37).

Nos trechos anteriores, temos dois sujeitos principais, o professor (opressor) e o aluno (oprimido). Esses dois sujeitos têm desejos. De um lado o aluno deseja o recreio e do

outro o professor deseja que o aluno siga suas regras. Ao solicitar que os alunos façam as margens no caderno, como ela havia pedido, a professora está impondo o seu modo de fazer, ela precisa das margens nos cadernos, é uma vontade dela que todos tenham as margens. Mas e o aluno? Ele realmente precisa fazer as margens para se organizar adequadamente? Como alguns cadernos já vêm com margem, de quem é a necessidade das margens, do professor ou dos alunos? Ao impor que todos os alunos façam as margens em seus cadernos, a professora está exercendo seu papel de opressora. A opressão, como já disse Freire (1987), está intimamente ligada à educação bancária, pois impõe os saberes do professor. Este tipo de educação transforma os alunos em quase coisas, que recebem ordens que têm que obedecer. O depósito a que se refere Freire (1987) ao falar sobre a educação bancária não é apenas de conhecimento cujo professor acha essencial para os alunos, mas inclui valores, crenças, inclusive a forma de se organizar.

A escola precisa ser um local de libertação. O papel da escola deveria ser de humanização dos oprimidos, para que as classes e grupos dominados se libertem do estado de opressão, a escola deve ser um local de mudança.

Sobre esse processo opressor, Freire (1987) destaca: Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. “Daí a necessidade de seu constante controle. E quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em ‘coisa’, em algo que é como se fosse inanimado” (Freire, 1987, p. 26).

Pode-se destacar outro trecho onde essa relação opressor-oprimido se estabelece:

A professora Bruna falou para quem terminasse de copiar a agenda do dia pegasse a caixinha matemática. Com a caixinha na mão pediu para os alunos pegarem o QVL (Quadro Valor de Lugar), o dinheirinho e os palitinhos. Ela então organizou a sala em três grupos. E o tempo todo pedia silêncio para as crianças (Caderno de Campo).

A professora Bruna acha que qualquer aula só pode ser dada em **silêncio**, ela precisa de toda a atenção para ela. Mesmo quando ainda estava organizando a turma, não estava explicando o conteúdo em si, ela pedia silêncio.

Em nossas escolas, ainda predomina a “cultura do silêncio” (Freire, 1981), onde apenas um fala enquanto os outros escutam. O professor é o detentor do conhecimento, então seu papel é o de orador e o do aluno, de espectador. O aluno deve ficar em silêncio para ouvir as ordens e instruções do professor. Essa é a máxima da educação bancária, em especial na aula de matemática.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 1987, p. 33).

Essa opressão do professor em relação ao aluno também pode causar o surgimento de alguns afetos nas crianças, como o medo. Podemos constatar isso no trecho a seguir:

*Algumas crianças estavam conversando na sala. Então a professora Bruna falou que quem não terminasse o dever de casa em dois minutos ela anotaria o nome para levar à direção (...) Depois que a professora fez a ameaça, Virgínia comentou: - Eu vou para a direção. Falou isso com voz de medo, pois não tinha feito o dever de casa e estava fazendo na sala (Caderno de Campo).*

Aqui a professora utilizou o afeto medo, manifestado pelos alunos, para manter a ordem na sala. A professora sabe que os alunos têm medo de ir para a direção, pois, na visão das crianças, a direção é o local onde elas tomam advertência, são punidas. Assim irão obedecê-la para não serem punidas. O trecho a seguir mostra novamente a utilização do afeto medo para manter a ordem.

*Nicole falou que esqueceu o dever de casa, então a professora falou que quem não tivesse trazido o dever de casa tomaria uma advertência.*

*Bruna: - Quem não fez os probleminhas, advertência. Se vocês não se comportarem, vou tirar as coisas que vocês gostam. (Caderno de Campo).*

É assim, portanto, que a professora utiliza novamente o medo que as crianças têm de levar uma advertência como forma de controle da turma. O controle da turma é o poder do professor sobre os alunos para que eles façam o que ele determina, como exemplificamos a seguir: “*Algumas crianças estavam conversando enquanto copiavam as tarefas que estavam no quadro, então a professora os ameaçou dizendo que iria tirar a recreação deles se eles não fizessem silêncio, então toda a turma ficou em silêncio*” (Caderno de Campo).

Como os alunos vão formular suas ideias e opiniões sobre o mundo se não tiverem uma relação dialógica na sala de aula? Será que o papel da escola é realmente fazer com que os alunos se silenciem para que os professores possam transmitir o conteúdo que eles detêm? Pode-se observar no trecho do caderno de campo que a professora Bruna queria que os alunos ficassem em silêncio, porque ela gosta do silêncio. E para obter esse silêncio, para fazer com que os alunos a obedeçam, ela os ameaça. Se eles não fizessem silêncio, ela tiraria uma coisa que eles gostam muito, a recreação. Ela sabe que se tirar a recreação, eles ficarão com raiva, frustrados. Sabe também que eles detestam esses

sentimentos de frustração farão o que ela pedir para não sofrerem a frustração de não ter o objeto de desejo deles.

É evidente o império da cultura do silêncio. Quando as crianças falam, logo são silenciadas pela autoridade do professor, pelo poder que esses exercem sobre elas. “É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à cesse dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser” (Freire, 1981, p. 40-41).

### **Considerações finais**

A pesquisa revelou que os afetos manifestados pelos alunos em sala de aula em um contexto matemático são observados pelos professores para conseguir o controle da turma. Inferindo que os afetos dos alunos muitas vezes guiam a práxis do professor, que muda de acordo com a natureza dos afetos manifestados.

Mas o que pode ser feito para acabar com essa cultura do silêncio? Uma cultura que está sendo passada de geração para geração? Para Freire (1981)

a sociedade dependente é, por definição, uma sociedade semi-silenciosa. Suas classes dominantes não “falam” – refletem a voz imperial. Somente quando as classes e grupos dominados transformam revolucionariamente suas estruturas é que se faz possível realmente à sociedade dependente dizer sua palavra. É através desta transformação radical que se pode superar a cultura do silêncio (p. 58).

Os afetos devem ser utilizados pelos professores na organização do trabalho pedagógico, porém até que ponto utilizar tais afetos para manter a ordem, para manter o controle é benéfico para a aprendizagem dos alunos?

### **Referências**

- Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.  
Freire, P. (1987) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.  
Gómez Chacón, I. M. (2003). *Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática*. Porto Alegre: Artmed.  
Morais, J. R. C. (2007). *O (des) silenciamento na aprendizagem matemática*. Brasília: UnB.  
Vigotski, L. S. (2004). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.